



A PERCEPÇÃO DO LUGAR NA FEIRA DO GUAMÁ, BELÉM-PA

Fábio Rodrigo de Moraes Xavier¹

RESUMO

Neste estudo, nós apresentamos reflexões com relação a percepção do lugar na feira do Guamá, localizada em Belém do Pará, Amazônia brasileira. Nós buscamos entender, por meio do processo etnográfico, a interação existente que colabora para o desenvolvimento do lugar que se expressa entre frequentadores na localidade. Com isso entender as diversas identificações que ocorre na ligação entre as pessoas que participam daquele movimento na condição situacional que a feira promove em seu cotidiano.

Palavras-chave: Interação; Lugar; Cotidiano; Feira.

ABSTRAIT

Dans cette étude, nous présentons des réflexions sur la perception du lieu dans la foire de Guamá, située à Belém do Pará, en Amazonie brésilienne. Nous comprenons le processus ethnographique, l'interaction existante qui contribue au développement du lieu qui s'exprime des habitués de la localité. Avec cela, comprenez les différentes identifications qui se produisent dans la connexion entre les personnes qui participent à ce mouvement dans que la foire promet dans leur vie quotidienne.

Mots-clés: Interaction; Endroit; Quotidien; Marché ouvert.

¹ Mestrando do curso de comunicação da Universidade Federal do Pará – UFPA, fabio.rodriigo.moraes.xavier@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O estudo apresenta o entendimento da percepção do lugar na observação da feira do Guamá, localizada em Belém do Pará, Amazônia brasileira. Ali é desenvolvido diversos tipos de processos de ligação que proporciona a expressividade do lugar como condição humana existente naquele movimento de estruturação.

O objetivo da investigação é entender as interações presentes na localidade, assim como também, a observação sobre o lugar que proporciona costumes resultado dessas interações que ali se evidenciam. Dentro dessa perspectiva, nós procuramos entender de que forma o lugar é presente no envolvimento entre aqueles frequentadores.

A nossa indagação central diz respeito a produção do lugar na feira do Guamá e de que modo isso se constitui. Na condição da localidade e movimento da feira como processo situacional entre os frequentadores da localidade.

Para entendimento do lugar, nós partimos de (Dardel, 2011) na percepção da existência do movimento situacional no local, como também de (Carlos, 2007) para entendimento desse lugar nas relações humana. Assim como a intersubjetividade (Shutz, 2012) e a interação (Simmel, 2013) como processo que influenciam na condição do lugar da feira do Guamá. Também nós utilizamos a etnografia da (Peirano, 2014) como auxílio da pesquisa de campo na compressão daquela experiência humana presente.

Nós podemos, então, entender que a percepção do lugar na feira do Guamá é um processo que inicia na interação entre os frequentadores que constrói aquele movimento da feira. Com isso, atenta-se para o processo de produção do lugar na localidade como envolvimento presente entre aquelas pessoas. Então constitui o envolvimento entre aqueles que ali participam do processo da feira.

O estudo aqui proposto terá dois momentos, o primeiro é as interações que são da localidade, o segundo momento, é a ideia do lugar dos costumes, ambos os pontos são a ligação para o entendimento do lugar da feira, pois nós proporciona entender o cotidiano e a significação que ali é presente. Isso equivale ao ato de produção daquela



realidade que a cada dia por conta das pessoas que ali interagem produzem aquele lugar que é a feira do Guamá.

Para que nós possamos ter maior entendimento sobre a localidade, foi utilizado autores importantes para a nossa temática, assim como também foi feita a etnografia como experiência (Peirano, 2014), dentro de 7 meses. Isso possibilitou entender de que modo o lugar funciona na feira partindo da interação cotidiana e os costumes que habitualmente são produzidos na localidade.

A nossa justificativa sobre a pesquisa é pensar o lugar como um fenômeno que é desenvolvido naquele movimento da feira. Com isso, entender a lógica que é produzida no envolvimento que a localidade possui em sua existência cotidiana entre os frequentadores, obter o entendimento do ser da feira do Guamá.

AS INTERAÇÕES

A ideia de lugar tem base na identificação comunicativa como movimento de integração entre as pessoas que participam do processo da feira. Trata-se de uma lógica que constrói a localidade e relacionamento com aquele acontecimento entre os frequentadores, construindo o cotidiano.

Em nossa relação primordial com o mundo, ao nos abandonarmos às virtudes protetoras do lugar, firmamos nosso pacto secreto com a terra, expressamos por meio de nossa própria conduta, que nossa subjetividade de sujeito se encolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, repouse. É desse lugar, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspectos, para trabalhá-lo. (Dardel, 2011, p. 40-41).

O trabalho é a produção de identificação comunicacional que é desenvolvida na condição de sentido entre as pessoas que participam da feira, assim como na estruturação entre os indivíduos naquele cotidiano. Por conta disso,

a princípio, somente o ponto de entrada é claramente reconhecido; além fica o espaço. Após um tempo, mais referências são identificadas e o sujeito adquire confiança no movimento. Finalmente, o espaço consiste em caminhos e referências familiares - em outras palavras, lugar. (Tuan, 1983, p. 81).



Esse espaço caracteriza a lógica presente entre os frequentadores que aparece como fonte de posicionamento do sujeito com relação àquela realidade, a qual proporciona caminhos imagéticos e sensíveis para ocasionar o afeto ou o distanciamento entre aqueles indivíduos. Nós podemos ver a percepção de lugar em cada vendedor no seu box, o açougueiro que tem orgulho em cortar carne, a mulher que vende ervas e que sabe várias fórmulas, o morador de rua que ali fica por conta de restos de comida, a imagem do urubu que fica perto da lixeira para comer carne podre ou a dona de casa que vai à localidade pensando em um produto específico.

Percebe-se a existência do lugar não apenas na feira do Guamá, mas nas interações que influenciam a localidade, como a logística de abastecimento, que muitas vezes proporciona a integração de diferente pessoas ou dos próprios produtos, como o açaí e bacuri, que são parte das referências existentes dentro da nossa sociedade amazônica. Nisso também inclui-se a culinária, como o peixe frito com farinha “baguda” e a maniçoba, muitas vezes servida em época de Círio da Nossa Senhora de Nazaré. Todos esses são fatos que evidenciam o significado da percepção de lugar na localidade.

Assim, o lugar repousa sobre a ideia de um sujeito ativo que deve, sem cessar, tecer ligações complexas que lhe dão sua identidade, ao mesmo tempo em que definem suas relações com seu ambiente. O relato fornece o meio de operacionalizar o espaço conceitual assim aberto. O lugar, como o sujeito, se institui e se exprime sobre o modo privilegiado da narrativa. (Berdoulay & Entrikin, 2012, p. 109).

O lugar na feira do Guamá é desenvolvido por conta dos frequentadores que ali são ativos em suas expressividades, numa interação existente naquele cotidiano que é transformada na lógica que ocorre entre os indivíduos presentes. Assim, proporciona a estruturação daquela realidade com relação aos sujeitos que se articulam naquele tempo de vivência. Na imagem abaixo podemos ver o vendedor de caldo de cana como participante da estruturação daquele lugar a partir do processo de interação com o seu freguês, assim como seu posicionamento em frente ao mercado principal para obter a venda do dia.



Imagem 1. Venda de caldo de cana. 2021. Fonte: Pesquisa de campo.

É como se as interações existentes dentro daquele acontecimento ocorressem na localidade dentro de aproximações entre frequentadores e assim proporcionasse a condição daquele lugar como fonte de encontro. Há ainda narrativas que equivalem ao campo linguístico, como escritos em paredes ou na propagação de determinado produto em placa com o preço, as cores que a feira proporciona – tudo compõe a percepção do lugar que a localidade evidencia.

Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (Carlos, 2007, p. 22).

O lugar da vida é entendido na vivência que a feira demonstra em seus inúmeros gêneros de esquemas de troca. A história que a localidade possui, a cultura como expressão da sociedade amazônica, isso existe por conta da movimentação que ocorre naquele cotidiano e é envolvido na relação das trocas que aparecem na relação entre o homem e a natureza.



No local, observamos que a natureza se faz presente em frutas, legumes e no peixe; é algo que caracteriza aquele lugar. A aquisição de alguns produtos que vêm do mar ou de regiões alagadas do interior do Estado, como o caranguejo, são fatores participantes da percepção do lugar da feira do Guamá nas suas construções de interações.

Por consequência, a natureza é encontrada na integração entre aquelas pessoas todas. Geralmente os produtos chegam em caixas de madeira, como é observado na imagem a seguir, com o limão, e são distribuídos na barraca onde é vendido o item. Então temos o descarte da caixa de madeira na lixeira, servindo para quantificar o produto para a compra do feirante, que posteriormente fará a venda para seu freguês, onde ele já sabe a quantidade de produto que uma certa caixa possui.

No caso do limão, é vendido em diversas partes da feira, servindo principalmente para tratar o peixe, como também para misturar em temperos e diversos pratos da nossa região. É um produto que é encontrado em grande quantidade na área e participa ativamente da culinária regional, além de ter uso medicinal nas tradições populares.



Imagem 2. Venda de limão. 2021. Fonte: Pesquisa de campo



Assim, entender o processo da interação entre aquelas pessoas, nós possibilita atentar para a ideia de lugar da feira. Como um processo, um movimento participante ativamente do cotidiano daquela localidade. Como um envolvimento de integração que proporciona a produção do que a feira é dentro daquela realidade. Isso possibilita atentar para o lugar de costumes, que é resultado do movimento cotidiano que em todos os dias é evidenciado entre os frequentadores do local.

O LUGAR DE COSTUMES

Nesse processo, observamos o lugar dos costumes que ali resultam da familiaridade que a feira do Guamá proporciona em seu movimento cotidiano, assim como também são pontuados os relacionamentos entre esses frequentadores que articulam camada de interações que se adequam ao tipo de sociabilidade pertencente àquele grupo.

Assim, o mundo social no qual o homem nasce e tem de achar seu caminho é por ele vivenciado como uma rede fina de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e de símbolos com sua estrutura de significados particular, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígio, etc. O significado de todos esses elementos do mundo social, em toda a sua diversidade e estratificação, assim como o padrão de sua própria textura, é tido como pressuposto pelas pessoas que nele vivem. A soma total dos aspectos relativamente naturais, que o mundo social tem para as pessoas que nele vivem, constitui, para usar uma expressão de William Graham Summer, os costumes do “grupo interno”, que são socialmente aceitos como as formas boas e corretas de se confrontar coisas e pessoas. São vistos como pressupostos porque se provaram eficientes até então e, sendo socialmente aprovados, são vistos como fatos que dispensam explicação ou justificativa.

Esses costumes constituem herança social que é transmitida às crianças que nascem e crescem dentro do grupo. (Schutz, 2012, p. 80).

Determinada herança social equivale ao processo de transmissão que é expressado na localidade nos modos de integração que o lugar da feira proporciona, bem como nas estruturas de representatividades desenvolvidas entre os frequentadores. Também isso é encontrado em pinturas para chamar um comprador, como no exemplo da placa de venda do açaí, uma bandeira vermelha com o nome do produto em letras brancas, várias placas na parede no mercado principal com imagens



de produtos de diversos tipos e a própria forma como é exposta uma carne, que fica geralmente em cima do balcão ou em um freezer com proteção de vidro na parte da frente. Outro caso é o do peixe cortado em peças que são penduradas em acessórios de ferro.

Em tal contexto, a utilização de sacos para colocar legumes ou frutas também é passível de análise. Já na venda de açaí, utiliza-se vasilha de metal de um litro ou meio litro para quantificar o produto, enquanto a farinha de tapioca muitas vezes é vendida em litro ou meio litro, com um valor específico. Geralmente quando se vai comprar esse último produto, o vendedor já vai com uma vasilha específica para o produto e sequer o pesa, somente verifica a quantidade ou deixa no saco com aquela quantidade específica, conforme vemos na fotografia a seguir.



Imagem 3. Venda de farinha tapioca. 2021. Fonte: Pesquisa de campo

Isso evidencia o processo de herança social que proporciona os costumes, que nada mais são do que movimentos característicos daquele lugar, como resultado daquela produtividade de identificação comunicativa existente entre os frequentadores da feira. Podemos colocar nessa comparação o modo de entendimento que uma pessoa precisa proceder para se adequar a um determinado cotidiano, como na questão do grupo social da feira do Guamá, em que se encontra uma lógica mundana entre os



frequentadores como maneira de apreensão da experiência comunicativa existente no espaço.

Uma das aberrações mais comuns do impulso causal humano consiste em assumir condições formais, sem as quais certos acontecimentos não podem ocorrer, como causas positivas, produtivas desses mesmos acontecimentos. O exemplo típico é o poder do tempo – uma figura idiomática que inúmeras vezes nos engana, levando-nos a não buscar as reais causas do abrandamento ou arrefecimento das concepções, de processos anímicos de cura ou de hábitos cristalizados. Em vários casos, não será diferente com o significado do espaço. Se uma teoria estética proclama que a função essencial das artes plásticas é fazer-nos sentir o espaço, ela não atenta para o fato de que o nosso interesse se centra exclusivamente nas figurações especiais das coisas, e não no espaço ou na espacialidade em geral, que apenas constituem a *conditio sine qua non* de tais figurações, sem contudo perfazerem a essência particular dessas mesmas coisas ou serem seu fator gerador. (Simmel, 2013, p. 75).

As coisas evidenciam figurações quando adentram a interação entre os frequentadores que na feira se relacionam com os objetos daquele espaço, no qual as coisas possuem temporalidade determinada pelo movimento do próprio lugar, como se sua percepção nos proporcionasse o entendimento daquele espaço com sua temporalidade. Isso nada mais é que a junção da diversidade de pessoas que participam do processo da feira. Algo que não é estruturado, mas é formado naquele acontecimento que é o cotidiano da localidade, e por conta disso, não podemos dizer que o lugar da feira do Guamá é uma condição formal, mas sim um movimento contínuo que adentra a configuração de cada sujeito que frequenta o local, na condução da interação que produz o lugar.

Trata-se, portanto, de um envolvimento que é desenvolvido em processos de condutibilidade do sentido que permeia a movimentação dos frequentadores e seus modos de construção daquela realidade. Funciona, então, como uma rede de expressividade que proporciona afeto familiar e que adere o indivíduo naquele cotidiano como produção de sua existência na identificação comunicacional de ligação com aquela realidade. Desta forma, a percepção do lugar na feira do Guamá se dá pelo processo da identificação comunicativa, que possui como condição a ligação existente entre as pessoas que lá estão naquele cotidiano. Justamente no fluxo do movimento



que desencadeia o acontecimento do local e que evidencia a relação entre os frequentadores e expressam a existência de construção daquela realidade.

Nesse quesito, podemos observar a lógica existente entre aquelas pessoas que proporcionam relações como forma de construção de sentido entre eles, como na questão do afeto ou distanciamento como condição da formação do lugar na localidade. Isso ultrapassa o local e também é produzido em interações que não estão na feira, mas que influenciam indiretamente aqueles que estão presentes no cotidiano que se constitui.

A construção do lugar da feira do Guamá é desenvolvida na ligação entre os frequentadores que processam esquemas de identificação para compor o cotidiano de cada indivíduo que participa daquele procedimento dentro daquele tempo de vivência. Tal aspecto compõe-se de narrativas para a configuração da realidade como condução daquele lugar e sua existência, e dentro disso é possível observar a natureza como esquema de relacionamento com o envolvimento sensível daquela localidade, com produtos com diversas estruturas, como costumes que expressam a condição de lugar naquele cotidiano. Assim como o espaço e a lógica de movimentação entre diferentes sentidos, que é desenvolvida e cria a condição daquela temporalidade de vivência que é conduzida dentro da experiência comunicativa entre seus frequentadores, permeando a percepção do lugar da feira, o qual pertence a sua sociedade culturalmente constituída na expressão amazônica existente naquele cotidiano.

Em síntese, pode-se dizer que a percepção do lugar na feira propõe a dimensão sensível que é percebida na localidade como forma de produtividade daquela realidade dentro de expressividades que acabam por ser produzidas no relacionamento entre os frequentadores. Isso nos faz pensar que a feira é movimento que compõe-se de espaço e temporalidade, uma energia que pulsa a partir da estruturação de vida que ali é encontrada e transforma a localidade em dimensão existencial de sentimento de vivência, incluindo a sensibilidade comunicacional na produtividade da racionalidade sensível que pertence àquele cotidiano entre os seus frequentadores.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso nós podemos observar a lógica existente entre aquelas pessoas que começam a proporcionar relações como forma de construção de sentido entre eles, como na questão da aproximação ou distanciamento como condição do lugar.

A construção do lugar da feira do Guamá é desenvolvida na ligação entre os frequentadores que processam esquemas de identificação para compor o cotidiano de cada indivíduo que participa daquele procedimento dentro daquele tempo de vivência. No qual isso compõe de narrativas para a configuração da realidade como condução daquele lugar e sua existência. Nisso nós podemos observar relacionamento com aspecto sensível daquela localidade, os produtos como as diversas estruturas situacionais como os costumes expressam a condição de lugar naquele cotidiano.

Nesse contexto se percebe o espaço, como a lógica de movimentação entre diferentes sentidos que se desenvolvem e criam a condição daquela temporalidade de vivência que é conduzida dentro da experiência entre aqueles frequentadores. Isso permeia a percepção do lugar da feira, no qual pertence a sua sociedade culturalmente constituída na expressão amazônica existente naquele cotidiano.

No primeiro momento, nas interações entre os frequentadores, nós é permitido entender a movimentação como integração entre as pessoas da feira, como construção da localidade. Que é produzido pela identificação comunicativa como integração que é presente naquele cotidiano da feira. Também é observado na perspectiva da afetação, na condução de integração entre aquelas pessoas. Isso proporciona o lugar que a feira do Guamá proporciona as pessoas que frequentam a localidade.

No segundo momento, esse lugar é desenvolvido em costumes que são latentes no cotidiano da feira, como também são resultados das interações que são presentes entre aqueles indivíduos. Tal qual a localidade possui heranças que vem das pessoas que participam do processo da feira. Em que evidentemente influência aquele cotidiano nas estruturas de realidade que a feira do Guamá possui. Com isso proporcionando a produção do mundo da feira na existência presente entre aqueles frequentadores.



Assim, entender a percepção do lugar na feira do Guamá, é adentrar ao processo existencial cotidiano que a feira produz na interação entre os frequentadores daquela localidade. Isso proporciona refletir sobre o cotidiano e o entendimento que a cada interação dentro de certa realidade, ela proporciona o ambiente do lugar para as pessoas ao movimento de existência. E que proporciona a condução das pessoas dentro de fatores significativos que o cotidiano representa aos indivíduos.

REFERÊNCIAS

BERDOULAY, V. ENTRIKIN. N. **Lugar e sujeito: perspectivas teóricas.**

In: MARANDOLA, J. EDUARDO, H. WERTHER, O. LÍVIA DE (Org.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

CARLOS, A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

SCHUTZ, A. **Sobre a fenomenologia e relações sociais.** Petrópolis: Vozes, 2012

SIMMEL, G. Sociologia do espaço. **Estudos avançados**, v. 27 n.79, 2013.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.